

## NO QUARTO DO FORRO

Explodiu a Segunda Grande Guerra! A Itália, a Pátria-Mãe se juntou a Alemanha. Porca miséria! Deus nos acuda!

Naturalizzazione?, nem pensar. Italiápolis é pura tradição, é tudo nosso, fruto de muito suor, a coisa é nossa e ai de quem...

Ninguém se naturalizou. Aqui nenhum Getúlio deu ordens e aqui também esse ditador espanholado nunca venceu uma eleição.

Nacionalizar-se? Talvez meia dúzia de servidores públicos sob a ameaça de demissão. Sempre fomos dirigidos por italianos e até hoje aqui manda a Tradição. Viva a Squadra Azzurra, salve o Palestra!

De início o atrevimento chegou a virar moda, camisa preta símbolo do fascismo aparecia pelas ruas como se fossem uniformes de clubes esportivos. Os mais atrevidos aparavam o bigode à lá Hitler!

Não haveria ainda hoje inconscientes resquícios do passado no gosto das italiapolitanas pelos vestidos pretos? É de se pensar.

A guerra lá, nos anos 38, 39 e 40 virou festa por aqui, pelo menos enquanto se esteve ganhando, ocupando espaços, massacrando supostos inimigos.

Com o passar dos meses o quadro foi piorando; os americanos apertaram o cerco e os fascistas fajutos deixaram de circular, desapareceram.

A polícia foi às ruas, exigiu-se o salvo-conduto, um tipo de passaporte indígena e da guerra restou a 'riflessione', os diálogos curtos, quase colóquio de confessorário.

Voltamos no tempo, na década de 30, entramos pela estrada da Capoeirinha (Fazenda Boa Vista do São Lourenço dos velhos Cavicchiolles) e próximo ao córrego encontramos um belo prédio, um Poderoso Sobrado no meio de uma grande lavoura de café, símbolo de uma das mais numerosas 'famiglie' italiapolitanas. Encontramos a Casa do Quarto do Forro.

Obviamente passou-se a chamar Quarto do Forro por ser a única dependência forrada do Poderoso Sobrado.

O Quarto do Forro virou reduto de informações sobre os acontecimentos na Europa, sobre a marcha da guerra. O proprietário possuía um bom rádio sintonizado com uma emissora italiana; tudo sob o mais sagrado e absoluto segredo.

As notícias colhidas à noite circulavam pela cidade durante o dia. Surge daí um 'vocabulário de guerra', um front sigiloso de informes para Italiápolis.

Quarto do Forro virou código de guerra e o seu belicoso agente, o rádio receptor, recebeu o apelido de Mezzanotte.

--- Luigi! E o Mezzanotte?!

--- Niente, non sa biracchio, respondia o dono do Quarto do Forro, fazendo-se de desentendido.

Para Italiápolis, a Terra da Fatura, a Segunda Grande Guerra não passou de estímulo para se aumentar o ritmo de trabalho e a produção de gêneros alimentícios. Tudo o mais foi cinema.

O Ocidente que se arrebentara em 1929 tomava o seu remédio amargo, convalescia-se do Conflito de 1914/18. Século novo, ganância renovada.

Os imigrantes da Capoeirinha fizeram fortuna, ajudaram na construção de Italiápolis e ensinaram através do exemplo como viver bem, ser feliz e morrer em paz. Deixaram por aqui retalhos de apaixonantes romances.

O Nonno, o Patriarca, casou-se por duas vezes. Do segundo casamento trouxe para a sua casa da Fazenda uma jovem viúva com três filhas que somados aos seus encheram o grande sobrado.

O Luigi, o filho mais novo do primeiro casamento, apaixonou-se pela Maria, a filha mais velha da viúva. Uma união que poderia concretizar-se, pois não havia consangüinidade, porém a 'famiglia' não permitiu.

Contavam os velhos colonos que o Luigi, 'dopo la guerra', abandonou o seu Quarto do Forro e deprimido isolou-se do Grupo e morreu solteiro. As nossas pesquisas, contudo, mostram que a coisa não foi bem assim.

O Luigi e a Maria fizeram do Quarto do Forro um secreto e doce 'recanto de guerra', uma trincheira de amor.

No silêncio das noites, com as suas cançonetas, o discreto Mezzanotte, no mais sagrado e absoluto segredo, abafou por muito tempo os deliciosos 'gemiti' da Maria e do Luigi.

Em Italiápolis a guerra é feita a noite e de longe se ouve os 'singhiozzi', os 'gemiti', os doces 'spari di spianari i letti'.

Quando parlo io treme la Terra!